



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

A CRÍTICA À OBRA DE GRACILIANO RAMOS NOS JORNAIS: INFLUÊNCIAS E PERMANÊNCIA NO DISCURSO ACADÊMICO

Izaura Vieira Mariano de Sousa (UERJ)

Resumo: O estudo da crítica literária veiculada no jornal é valioso para o entendimento do percurso da literatura brasileira. Como as faculdades de Letras só se formaram a partir da primeira metade do século XX no Brasil, cabia ao crítico gerar e propagar o primeiro olhar sobre as obras recém-lançadas. Por esse motivo, analisar as críticas direcionadas aos autores no momento em que as obras eram publicadas nos permite perceber como as obras foram recebidas e como essas primeiras impressões ainda reverberam no discurso acadêmico nos dias de hoje. José Luís Jobim pontua que as críticas contemporâneas à publicação das obras merecem uma análise cuidadosa, pois elas inauguram uma série de outras críticas e, desse modo, têm um peso maior sobre as outras: “Assim, visto que não há uma memória de críticas prévias [...], então o peso da crítica do presente é muito maior, pois cabe a ela inaugurar a série de juízos sobre a obra que surgiu agora.” (JOBIM, 2012, p. 13).

Graciliano Ramos é um dos inúmeros autores que tiveram suas obras analisadas e criticadas no período em que foram publicadas. Neste trabalho, procuramos observar por meio de alguns exemplos como as críticas à obra do escritor alagoano publicadas em jornais, tais como *Diário de notícias*, *Diário da noite*, *Correio Paulistano*, *Jornal do Brasil*, entre as décadas de 1930 e 1940, influenciaram a pesquisa acadêmica. Através do estudo das críticas dirigidas à obra de Graciliano à época de sua publicação, podemos perceber um diálogo entre essas primeiras críticas e o estudo acadêmico subsequente da escrita do autor de *Infância*.

Palavras-chave: Crítica literária. Jornais. Graciliano Ramos.

Introdução

No âmbito dos estudos literários, a crítica literária foi responsável por eleger obras e colocá-las dentro do cânone. O papel do crítico de literatura foi extremamente importante para a valorização da literatura e para o crescimento de um público leitor. Ao discorrer sobre a importância do crítico literário no âmbito nacional, Silviano Santiago assinala a relevância da sua atuação para o enriquecimento do debate de ideias e para a avaliação das obras. Para Santiago, os críticos foram “verdadeiros formadores de opinião, responsáveis pelo sucesso ou o fracasso de obras e autores, esses críticos

assumiram ainda a tarefa de atualizar e ampliar o quadro nacional e internacional de leituras do brasileiro comum.” (SANTIAGO, 2004, p. 163).

No Brasil, a crítica literária começou a ganhar espaço principalmente nos jornais, onde as próprias obras começaram a ser publicadas. Como o surgimento das faculdades de Letras só aconteceu perto da metade do século XX, foi a crítica literária que assumiu o papel de analisar as obras dos escritores brasileiros. Ainda hoje, já nos espaços acadêmicos, percebemos que, em muitas disciplinas, o texto crítico antecede, ou até mesmo substitui o texto literário nas aulas. Em teses e dissertações, o texto crítico é fundamental, seja para ratificar o que defendemos ou para ser contestado.

Olhar para a crítica literária é fundamental para compreendermos a história da literatura e a teoria literária em que estamos inseridos. No contexto nacional, podemos ver que a crítica literária difundida nos jornais foi responsável por propagar e solidificar a literatura brasileira.

Neste trabalho, propomos mostrar através de alguns exemplos como a crítica literária jornalística dirigida à obra de Graciliano Ramos à época de sua publicação interviu na recepção das obras literárias do autor pelo público brasileiro e como ela influenciou os estudos acadêmicos seguintes.

O diálogo entre a crítica jornalística e a crítica acadêmica: um olhar sobre alguns exemplos

Ao estudar as críticas à obra de Graciliano Ramos nos jornais, à época de sua publicação, podemos notar como as primeiras impressões e análises dialogam até a atualidade com os estudos acadêmicos que temos desses textos. José Luís Jobim defende a ideia de que devemos observar com cuidado as primeiras críticas dirigidas aos autores, isto é, as críticas contemporâneas à obra, já que elas exercem um peso maior sobre as posteriores:

Sabemos hoje que tanto a “superestimação” quanto a “subestimação ridícula” são fenômenos observáveis com muita frequência, principalmente na avaliação de autores e obras que são contemporâneos ao crítico. Nesse caso, como o crítico não tem nenhuma referência anterior de julgamento, porque aquela obra contemporânea a ele não existia antes, então ele não pode se beneficiar do julgamento feito anteriormente por outros críticos, e tem de basear-se somente no seu próprio juízo. Assim, visto que não há uma memória de críticas prévias - memória que existe em relação aos

autores e obras já criticados no passado -, então o peso da crítica do presente é muito maior, pois cabe a ela inaugurar a série de juízos sobre a obra que surgiu agora. (JOBIM, 2012, p. 13).

Esse caráter de referência para as críticas posteriores nos remete ao que propôs Hans Robert Jauss, fundador da estética da recepção, em *A história da literatura como provocação à teoria literária*, primeiramente publicado em 1967:

A história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete. (JAUSS, 1994, p. 25).

Jauss complementa o seu raciocínio dizendo que o acontecimento literário

só logra seguir produzindo o seu efeito na medida em que sua recepção se estenda pelas gerações futuras ou seja por elas retomada – na medida, pois, em que haja leitores que novamente se apropriem da obra passada, ou autores que desejem imitá-la, sobrepujá-la ou refutá-la. A literatura como acontecimento cumpre-se primordialmente no horizonte de expectativa dos leitores, críticos e autores, seus contemporâneos e pósteros, ao experienciar a obra. (JAUSS, 1994, p. 26).

De acordo com o que afirma Jauss, a recepção crítica da literatura se completa na sua retomada mais adiante, seja para ratificá-la ou mesmo contestá-la. O permanente diálogo entre recepção e obra é que possibilita a durabilidade da literatura enquanto acontecimento ao longo dos anos. Nesse sentido, o crítico de literatura é parte fundamental da construção da recepção do objeto literário. É por meio dele que a crítica que “ajuda a sacudir o leitor e tirá-lo definitivamente da contemplação” (NINA, 2007, p. 77) toma forma.

Procuramos verificar como muitas das críticas formuladas à época da publicação das obras nos jornais dialogam com estudos clássicos da fortuna crítica de Graciliano Ramos. Dentre eles, pontuaremos *Ficção e confissão: Ensaio sobre Graciliano Ramos*, de Antonio Candido, publicado em 1956, com aval do próprio escritor, como se observa no prefácio do livro que inclui a carta de Graciliano dirigida a Candido:

Quando Graciliano publicou *Infância* (1945) eu era crítico titular, como se dizia, do *Diário de São Paulo*. Naquela altura ele já me parecia destacar-se de maneira singular entre os chamados “romancistas do Nordeste”, que nos anos de 1930 tinham conquistado

a opinião literária do país. Por isso, resolvi aproveitar a oportunidade a fim de marcar a minha opinião por meio de um balanço da sua obra.

“Onde nossas opiniões coincidem é no julgamento de *Angústia*. Sempre achei absurdos os elogios concedidos a este livro, e alguns, verdadeiros disparates, me exasperaram, pois nunca tive semelhança com Dostoievski, nem com outros gigantes. O que sou é uma espécie de Fabiano, e seria Fabiano completo se a seca houvesse destruído a minha gente, como V. muito bem reconhece”. (CANDIDO, 1992, p. 7-8).

Da mesma forma, teremos em conta o estudo de Rui Mourão, publicado em 1969, *Estruturas*: Ensaio sobre o romance de Graciliano, cuja perspectiva pragmática formalista e extremamente didática foi de grande valia para a análise das obras no seu aspecto estético, como afirma Wander Melo Miranda no prefácio da reedição do livro:

Publicado pela primeira vez em 1969, o livro de Rui Mourão que ora se reedita desvendava novos e imprevistos ângulos dos romances de Graciliano Ramos, ainda hoje cruciais para que se possa entendê-los melhor. Desde o título, *Estruturas* enuncia a novidade da análise proposta, uma vez que “levada a efeitos em termos rigorosamente estéticos”, como o autor acentua ao explicar a metodologia a ser utilizada. Coloca-se desde logo em posição contrária às análises de cunho sociológico então dominantes, por entender que a criação artística não é “mero epifenômeno das ciências sociais”. (MOURÃO, 2003, p. 1).

Também analisaremos os capítulos dedicados a Graciliano do livro de Luís Bueno, *Uma história do romance de 30*, publicado em 2006, pois entendemos que estes, além de trazerem a leitura do crítico da Universidade Federal do Paraná muitos anos após as primeiras leituras da obra do autor, retomam aspectos importantes do estudo tradicional da obra de Graciliano Ramos, na vertente estética e, principalmente, na histórico-social, em contraposição à obra de Mourão. Tal vertente na obra de Bueno pode ser vista na conclusão que o estudioso faz sobre *Vidas secas*:

Sem deixar de ser romance engajado, o livro é a demonstração cabal de que a fatura artística pode servir para impulsionar o conteúdo político de uma obra, mas o contrário é muito difícil de acontecer. Dentro do horizonte ideológico de toda essa geração de escritores, ninguém conseguiria dar uma resposta tão completa ao problema da arte que se quer fator atuante no seu tempo. (BUENO, 2006, p. 664).

Em diferentes jornais, em diferentes décadas, *Vidas secas* é visto como um diferencial no trabalho com a língua devido à limitada comunicação entre os

personagens, mas também como um exemplo de trabalho com a humanidade explorada na obra. João Pacheco, no jornal *Diário de notícias*, em 1949, afirma:

Em “Vidas secas” o sr. Graciliano Ramos defrontou-se com um problema de estilística de que no geral conseguiu sair-se bem. Proveio-lhe o problema da circunstância de ter de lidar com personagens a que faltava sempre a consciência reflexiva, sendo apenas dotados de consciência imediata ou mesmo de nenhuma consciência como é o caso da cadela Baleia. [...] **A necessidade de comunicação**, de que pode prescindir a arte mas a que muito humanamente se sente compelido o artista, introduz na emoção estética elementos que lhe são estranhos. Não pôde ou não quis fugir a esse percalço o sr. Graciliano Ramos, que assim, todavia, **conseguiu manter a “comunicabilidade” do romance**. (*Jornal de notícias*, 2 fev. 1949, grifos nossos)

Observamos uma releitura dessas observações nos estudos acadêmicos posteriormente publicados, como em Candido, que mostra o poderoso discurso que Graciliano traz em meio ao silêncio dos personagens, e em Mourão, que retoma a precariedade da comunicação verbal na narrativa:

A força de Graciliano ao construir um discurso poderoso **a partir de personagens quase incapazes de falar**, devido à rusticidade extrema, para os quais o narrador elabora uma linguagem virtual a partir do silêncio. (CANDIDO, 1992, p. 103-104, grifos nossos).

Enfatizando o aspecto da **precariedade da comunicação verbal** é que o romancista principalmente dá a medida da barreira que isola os personagens. Tem lugar, dentro do livro, um dramático corpo a corpo dos homens que precisam parcamente se exprimir, para o atendimento de suas necessidades vitais básicas, com as palavras que, transformadas em entidades autônomas, em verdadeiros obstáculos, relutam a se entregar. (MOURÃO, 2003, p. 125, grifos nossos).

A representação desse outro e a solidariedade dirigida ao mesmo são lembradas por Bueno:

É no impasse da representação do outro que encontraremos o sentido da estrutura global de *Vidas secas*. O pressuposto seria, portanto, totalmente diverso. Dessa maneira, *Vidas secas* deve ser visto como uma tentativa de solucionar a difícil equação da figuração do outro – especialmente para um conjunto de obra que havia tratado diretamente da dificuldade que é enxergar, entender minimamente e, finalmente, representar o outro. (BUENO, 2006, p. 659).

Angústia é um dos romances do escritor alagoano sobre o qual mais encontramos resenhas críticas, como vemos no jornal *Correio Paulistano*, de 1936:

Nota-se que o sr. Graciliano Ramos quis fazer obra acessível e fácil. Abordou, entretanto, o mais áspero dos assuntos: o drama íntimo e inquieto duma velha alma atormentada por erros sem conta do passado e do presente. Enredo difícil de que se saiu airoso pelo domínio que possui dos seus bonecos e da maneira de fazê-los agitarem-se guardando sempre a sobriedade do traço, evitando descambar para o exagerado e o chocante. [...] Evidentemente **o livro é triste e amargo. A atmosfera em que decorre a ação é densa e pesada.** Há, talvez, um prolongamento demasiado da angústia de Luiz Silva. Mas a segurança do autor faz com que essa abundância, não chegue a cansar o leitor, a sobrecarregar a obra com alguma coisa de supérfluo. (*Correio Paulistano*, 15 out. 1936, grifos nossos).

A própria crítica jornalística dialoga com outras críticas anteriores, como explicita Nuto Sant'Ana no mesmo jornal, porém no ano de 1942:

É bem comovente e real a vida de Luiz da Silva, povoada de alucinações, de desejos de vingança, de asco para com as mulheres, principalmente Marina. E, numa noite tempestuosa, assassina Antão Tavares. Chega-se então, a uma das partes mais vivas do livro: quando descreve os pensamentos tumultuosos que lhe dançam no cérebro. Enfim, um romance que se lê com satisfação e que **a crítica já considerou como uma obra de valor.** (*Correio Paulistano*, 31 jan. 1942, grifos nossos).

Antonio Candido e Rui Mourão, como a crítica feita no *Correio Paulistano*, também pontuam a densidade e a subjetividade acentuada do terceiro romance de Graciliano:

Dos livros de Graciliano Ramos, *Angústia* é provavelmente o mais lido e citado, pois **a maioria da crítica e dos leitores o considera a sua obra-prima.** Obra-prima não será, mas é sem dúvida o mais ambicioso e espetacular de quantos escreveu. [...] É um livro **fuliginoso e opaco.** O leitor chega a respirar mal no **clima opressivo** em que a força criadora do romance fez medrar o personagem mais dramático da moderna ficção brasileira – Luís da Silva. (CANDIDO, 1992, p. 33-34, grifos nossos).

Na verdade, só assistimos à emersão de aspectos da memória e à expansão de uma **forma subjetiva**, um caráter que se impõe. Chegando a essa conclusão, salta-nos à frente a perspectiva do livro: o que vem se estruturando naquelas **páginas aparentemente caóticas** é determinada visão das coisas. (MOURÃO, 2003, p. 88, grifos nossos).

Bueno também destaca o caráter psicológico acentuado no romance e, além disso, amplia a análise comparando Graciliano aos autores considerados intimistas da época, como Lúcio Cardoso e Cornélio Pena:

Afinal, *Angústia* é o romance de um autor de esquerda, na década de 30, que mais se aproximou das experiências de autores católicos como Lúcio Cardoso e Cornélio Penna porque, apesar das muitas diferenças que se podem apontar, nele Graciliano trabalhou com elementos com que esses autores também trabalharam ou desejaram trabalhar, tais como a **introspecção exercitada em vertiginosa profundidade**, o **aspecto fantasmagórico** que muitas vezes toma a narrativa e uma psicologia que extrapola qualquer previsibilidade. (BUENO, 2006, p. 621, grifos nossos).

Como se observa, a crítica publicada nos jornais no que se refere à forma e ao conteúdo trabalhados por Graciliano Ramos é retomada mais adiante na crítica acadêmica, entendida como mais técnica e especializada:

seu projeto foi constituir-se em disciplina abstratizante e universalista, dedicada a determinar o conceito de literatura, a propor princípios e procedimentos visando à análise de obras literárias e a fixar critérios destinados a aferir a qualidade das produções literárias. (SOUZA, 2011, p. 34).

Tal é o mérito da crítica dos jornais. Ainda que não especializada e baseada em critérios fixos, foi ela que abriu caminho para que diversos escritores fossem acessíveis e conhecidos do público leitor. Não estamos aqui dizendo que toda a crítica impressionista encontrada nos jornais deve ser aceita sem uma análise e tomada como verdade absoluta. Entretanto, a sua influência e valor devem ser estimados.

Conclusão

A crítica literária inegavelmente assumiu uma posição de destaque nos estudos literários. Hoje, torna-se difícil pensar em uma obra ou um autor sem pensar nos textos críticos que emolduraram a sua reflexão. O percurso da crítica literária foi extenso, e a própria crítica foi alvo de críticas. O fato é que, apesar das divergências, a crítica perdura nos estudos acadêmicos. Fazemos uso dela constantemente nas nossas ementas

e textos científicos. Ainda que tenhamos nossa própria visão crítica sobre um autor e seu *corpus* literário, recorreremos à tradição crítica para formular nossas hipóteses e teses.

Pudemos perceber que a análise das críticas dirigidas à obra de Graciliano Ramos na época em que foi publicada é valiosa para o estudo subsequente da produção do autor de *Infância*, já que, em muitos aspectos, as ideias dos primeiros críticos, expostas nos jornais, ecoam nas palavras dos críticos vinculados às universidades até o momento presente.

A obra de Graciliano Ramos continua a ser tema de pesquisas, e ainda hoje ela dá origem a muitos estudos relevantes dentro do espaço acadêmico. O autor, que se destacou dentro da geração de 1930 e que a tantos influenciou, precisa ser sempre relido e retomado. A análise da sua recepção crítica amplia os horizontes nas dimensões estética e histórica, como afirma Jauss:

Um passado literário só logra retornar quando uma nova recepção o traz de volta ao presente, seja porque, num retorno intencional, uma postura estética modificada se reapropria de coisas passadas, seja porque o novo momento da evolução literária lança uma luz inesperada sobre uma literatura esquecida, luz esta que lhe permite encontrar nela o que anteriormente não era possível buscar ali. (JAUSS, 1994, p. 44).

Portanto, a releitura da obra de Graciliano Ramos e da crítica a ela dirigida agregam sentido à pesquisa acadêmica e enriquecem o estudo da literatura brasileira, fato que se confirma no reconhecimento das críticas do passado e nos estudos ininterruptos do presente:

A simples menção do nome de Graciliano Ramos como autor de um novo romance, é motivo suficiente para se prognosticar um novo e grande sucesso, quer de livraria, quer da crítica. É que esse autor, em três livros publicados antes do atual, *Caetés*, *S. Bernardo* e *Angústia*, conseguiu, graças a excelência de sua obra, alcançar um posto não disputado por nenhum dos romancistas brasileiros dos últimos tempos. (*Jornal do Brasil*, 7 abr. 1938).

Referências

BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp; Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e confissão: Ensaio sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JOBIM, José Luís. *A crítica literária e os críticos criadores no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

JORNAIS: *Correio Paulistano, Jornal de notícias e Jornal do Brasil*. Disponíveis em: Fundação Biblioteca Nacional - <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>

MOURÃO, Rui. *Estruturas: Ensaio sobre o romance de Graciliano*. 3. ed. Curitiba: EdUFPR, 2003.

NINA, Cláudia. *Literatura nos jornais: a crítica literária dos rodapés às resenhas*. São Paulo: Summus editorial, 2007.

SANTIAGO, Silviano. A crítica literária no jornal. In: *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SOUZA, Roberto Acízelo de. Crítica literária: seu percurso e seu papel na atualidade. Floema: caderno de teoria e história literária. Vitória da Conquista (BA), Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da UESB, v. VII, nº 8, p. 29-38, jan.-jun. de 2011.